

Carinho de mãe

Atenção individualizada, educativa e afetiva às crianças que estão fora de seus lares



Cuidados maternos infantis básicos: atenção à saúde, nutrição, educação, lazer e cultura - essa é a rotina da Associação Lar do Nenen, a casa de acolhimento de Recife/PE, apresentada na última edição da *Linha Direta*, que está recebendo, pelo segundo ano consecutivo, o apoio do Criança Esperança, um projeto da Rede Globo em parceria com a UNESCO. Além dos cuidados básicos com as crianças, a Associação também promove um movimento de reintegração familiar e faz o acompanhamento dos processos judiciais e psicossociais das famílias.

O Lar do Nenen existe há quase 35 anos e hoje é a única casa de acolhimento de Recife que recebe bebês de 0 a 3 anos e 11 meses. A instituição trabalha com projetos que oferecem atenção individualizada, educativa e afetiva às crianças, contemplando suas competências pessoais e familiares, de modo a favorecer a convivência familiar

e comunitária e seu pleno desenvolvimento integral. “No início, éramos assistencialistas, mas com o tempo veio a profissionalização”, conta Inês Leitão de Lemos, suplente da Diretoria e a mais antiga voluntária da casa. Ela explica que, atualmente, a Associação desenvolve três projetos: *Acolhimento institucional*, *Família e o direito da criança* e *Desenvolvimento institucional*. Este último diz respeito ao desenvolvimento sustentável do Lar do Nenen, através do apoio de parceiros, doadores, pessoas físicas ou pessoas jurídicas.

Dentro do projeto *Família e o direito da criança*, há o programa *Lições de cidadania*, em que aproximadamente 20 familiares participam de oficinas. “Esse trabalho serve para elevar a autoestima de cada um deles, principalmente das mães”, afirma Inês, dizendo que, geralmente, elas chegam muito inibidas, receosas, e depois vão se soltando. O objetivo com esse projeto é dar

assistência às famílias para que elas tenham condições de receber as crianças de volta.

Augusta da Matta, presidente do Lar do Nenen, explica que, depois que a justiça toma conhecimento de que a criança está no Lar, ela procura os familiares e verifica se eles têm condições de ficar com o bebê. “Vamos supor que a mãe estava maltratando a criança. O juiz vai resolver se ela vai começar a visitar a criança ou não. Se ela vier visitar, nós começamos a trabalhar com ela, porque o problema não é a criança, e sim a família”, enfatiza Augusta, ressaltando que, ao fazer um trabalho com os parentes e regularizar a situação familiar, a criança pode voltar para casa, que é o mais importante.

Há todo um acompanhamento especial durante o período em que a criança fica no Lar, e a família participa do programa. “São feitos relatórios, avaliações e visitas



Divulgação

domiciliares sem prévio aviso”, conta Tuti Moury Fernandes, que foi presidente da Associação por mais de oito anos e, atualmente, é diretora financeira. Na audiência, o juiz lê os relatórios feitos pela casa, analisa os dados das técnicas do Lar e avalia se a criança pode ou não voltar para a guarda da família. “Não é apenas o pai ou a mãe que podem ser trabalhados no programa *Lições de cidadania* e receber o bebê de volta, pode ser a avó, a tia, ou seja, qualquer parente”, explica Tuti.

A Associação tenta reorganizar a família para que a criança possa voltar para a sua casa. “Às vezes a gente não consegue”, lamenta Augusta, dizendo que, quando a família não tem condições de receber a criança, ela vai para adoção, e quem resolve tudo é o juizado. As crianças acolhidas pelo Lar do Nenen só podem sair da instituição por determinação judicial para retorno à família natural ou

extensa ou colocação em família substituta, por meio de adoção. Segundo a Lei n. 12.010/09, o tempo de permanência das crianças em casas de acolhida não deve ser superior a dois anos.

Adoção

A presidente da Associação Lar do Nenen conta que, atualmente, todas as crianças são adotadas. “Quando um casal quer adotar uma criança, ele procura a Vara da Infância, informa o interesse e passa por entrevistas com psicólogos. Se for considerado apto, seus dados vão para o cadastro nacional”, explica Augusta, lembrando que, antes, as pessoas iam aos abrigos e escolhiam uma ou outra criança. Hoje não se pode escolher. “Quando uma criança é liberada para adoção, um casal é chamado até a casa de acolhimento. Se ele optar por não adotar aquela criança, ele não pode escolher outra na mesma hora e tem de voltar para a fila”, conta. Quando três ou quatro casais são chamados para ver uma mesma criança e ela não é adotada, ela vai para a adoção internacional. Outra questão importante é que não se separam mais irmãos. Se forem três irmãos, por exemplo, os três têm de ser adotados e manter os laços afetivos.

Houve um caso de adoção internacional no Lar do Nenen, em 2010. Era um grupo de quatro irmãos, um deles acolhido no Lar. Como existia vinculação afetiva entre eles, a Comissão Estadual e Judiciária de Adoção (Ceja) indicou duas famílias italianas que foram trabalhadas pelo Núcleo de Adoção e Estudo da Família (Naef) para que houvesse a manutenção dos vínculos afetivos entre os irmãos, que foram adotados em grupos de dois. ■

Depoimentos

Eu trabalhei a vida toda em projetos sociais. Trabalhei na antiga Fundação Estadual do Bem-estar do Menor (Febem) e passei 30 anos na Fundação da Criança e do Adolescente (Funac). Eu venho todos os dias ao Lar do Nenen, de segunda a segunda, das 7h às 19h, e acho que trabalhar aqui é muito bom! **Glaudes Augusto Boanora, voluntária**

Ser voluntário é dedicação, é amor, é compartilhamento. **Sandra, coordenadora de voluntários**

Eu senti a necessidade de compartilhar carinho e ternura, e as crianças aqui são muito amáveis. Às vezes nós chegamos aqui mais carentes do que elas. Eu chego e elas já me abraçam, e isso faz um bem muito grande para a alma. O trabalho do Lar do Nenen é maravilhoso. **Fátima Viana, voluntária**

O Lar do Nenen ocupa de 80% a 90% da minha vida. Quando eu não estou aqui, estou articulando, desenvolvendo trabalhos para que a gente possa apresentar nas feiras. Se eu estou em algum lugar de caráter social, se tem alguém com quem eu possa conversar sobre recursos, eu direciono. É viciante. **Augusta da Matta, presidente**

Comecei como voluntária, ficando quatro horas em um dia da semana com as mães que tinham gravidez de alto risco. Eu tinha uma empresa, mas decidi deixá-la e ser voluntária porque sempre gostei muito de ajudar. Para mim, não há felicidade maior que procurar ajudar e conseguir. **Tuti Moury Fernandes, diretora financeira**